



XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

ALÉM DO DESENVOLVIMENTO (IN)SUSTENTÁVEL: POSSIBILIDADES A PARTIR DE DIFERENTES PARADIGMAS

Fabrizio da Costa Barros¹

GT 07: Crise ambiental global, capitalismo histórico e sistema-mundo

RESUMO

O estudo analisa criticamente o desenvolvimento sustentável (Relatório Brundtland, 1987) e a ecosofia (Guattari, 1989) como respostas à crise ecológica. Enquanto o primeiro, hegemônico, mantém a lógica do crescimento econômico e revela as contradições do sistema capitalista, a ecosofia propõe uma transformação radical, integrando dimensões ambiental, social e mental. O caso do quilombo Cafundá Astrogilda (RJ) ilustra essa disputa: seus sistemas agroflorestais tradicionais, mais eficazes no sequestro de carbono que a mata nativa, materializam saberes ancestrais que desafiam modelos tecnocráticos. A análise geográfica demonstra que a paisagem é um sistema dialético (Bertrand, 1971), onde culturas e naturezas coevoluem. A superação da crise ecológica exige superar a armadilha do desenvolvimento sustentável mercantilizado, valorizando alternativas como a ecosofia e os saberes tradicionais.

Palavras-chave: Crise ecológica; desenvolvimento sustentável; ecosofia; quilombolas; saberes tradicionais.

Destaques (highlights)

- A ecosofia nos convida a questionar as próprias bases desse sistema.
- O chamado "desenvolvimento sustentável" fragmenta as dimensões ecológicas e sociais, subordinando-as aos imperativos do capital.
- A crítica ao desenvolvimento sustentável não nega a urgência ecológica, mas expõe como sua versão hegemônica reforça, paradoxalmente, a mesma racionalidade econômica que originou a crise.
- Como é possível garantir a sustentabilidade em um sistema que segue dependendo da exploração da natureza e da produção de subjetividades moldadas pelo consumismo?

¹ UERJ, fabriziogeografia@gmail.com



XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

INTRODUÇÃO

A crise ecológica que marca o nosso tempo não é meramente um desafio técnico ou político, mas sim uma difícil encruzilhada civilizatória que exige repensar os fundamentos de nossa relação com o mundo natural (LEFF, 2009; WOOD, 2011; PORTO-GONÇALVES, 2017). Neste contexto de emergência ecológica e desigualdades crescentes, duas perspectivas teóricas emergiram, ainda na década de 1980, como norteadores diante dessa encruzilhada: o desenvolvimento sustentável, consolidado por Gro Harlem Brundtland no relatório "Nosso Futuro Comum" (1987), e a ecosofia, proposta por Félix Guattari em "As Três Ecologias" (1989). Embora ambas compartilhem uma preocupação comum com a sustentabilidade da vida no planeta, suas abordagens revelam divergências profundas que merecem ser exploradas.

A Geografia, como ciência que habita a fronteira entre ciências humanas e naturais, oferece um prisma privilegiado para examinar como estas teorias se materializam no espaço concreto. Enquanto o desenvolvimento sustentável, com sua tríade clássica (ambiental, social e econômica), tem dominado o discurso político-institucional global nas últimas décadas, a ecosofia, com uma tríade alternativa (ambiental, social e mental), permanece como uma voz dissonante que questiona os fundamentos do sistema vigente.

O presente estudo se justifica pela urgência em compreender os limites e potencialidades de cada abordagem face aos desafios sem precedentes de nosso tempo. Enquanto o desenvolvimento sustentável oferece soluções pragmáticas dentro dos marcos do sistema atual, a ecosofia nos convida a questionar as próprias bases desse sistema. Esta tensão entre reforma e transformação radical constitui o cerne dessa investigação, que busca, neste momento, contrastar teoricamente estes paradigmas.

METODOLOGIA

Este trabalho adotou como metodologia principal uma revisão crítica da literatura relacionada ao tema em questão, organizada em três etapas fundamentais. A primeira etapa consistiu na definição do tema e dos objetivos da pesquisa, com base em uma revisão preliminar que auxiliou no direcionamento do estudo. Na segunda etapa, foi realizada uma revisão bibliográfica sistemática e aprofundada, selecionando e analisando as fontes mais relevantes para a pesquisa. Por fim, a terceira etapa envolveu reflexões críticas a partir da literatura

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

revisada, permitindo a comparação de diferentes perspectivas, a identificação de pontos em comum e a construção de uma síntese convergente.

DISCUSSÃO

Atualmente, vem consolidando-se um consenso crítico sobre como a economia neoliberal, ao longo das últimas décadas, sistematicamente ignorou os limites ecológicos em sua obsessão por crescimento na perspectiva do Produto Interno Bruto (PIB). Apesar do aumento de catástrofes ambientais, com colapsos de biomas até eventos climáticos extremos, e da popularização do discurso do "desenvolvimento sustentável" em esferas acadêmicas, corporativas e midiáticas, pouco se avançou na efetiva implementação de políticas que freiem a perda de biodiversidade ou mitiguem as mudanças climáticas.

Como destacam críticos do sistema-mundo moderno-colonial-patriarcal², o chamado "desenvolvimento sustentável" fragmenta as dimensões ecológicas e sociais, subordinando-as aos imperativos do capital. Na prática, prevalece uma sustentabilidade de mercado, na qual o "aspecto desenvolvimentista", baseado em expansão contínua, consumo e extração de recursos, sobrepõe-se ao "preservacionista", mesmo em contextos de crise ambiental aguda. Essa contradição revela uma armadilha discursiva: a noção de sustentabilidade, ao ser apropriada por agentes hegemônicos, foi esvaziada de seu potencial transformador e reduzida a um greenwashing que mantém intocada a lógica produtivista (LEFF, 2009; WOOD, 2011; PORTO-GONÇALVES, 2017).

Essa dinâmica é particularmente visível no Sul Global, onde projetos supostamente "verdes" (como créditos de carbono ou monoculturas de "biocombustíveis") reproduzem padrões coloniais de espoliação, aprofundando desigualdades e degradação. Assim, a crítica ao desenvolvimento sustentável não nega a urgência ecológica, mas expõe como sua versão hegemônica reforça, paradoxalmente, a mesma racionalidade econômica que originou a crise.

O paradigma do desenvolvimento sustentável surgiu como resposta institucional às crescentes preocupações com os limites ecológicos do crescimento econômico desenfreado. Seu princípio fundamental é "atender às necessidades do presente sem comprometer as gerações

² O uso do termo "europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal" é defendido por Grosfoguel (2012), contudo, apesar de concordar com a noção que o termo pretende abarcar com sua extensão, opto por um termo que entendo sintetizar as problemáticas que se desdobram desse padrão civilizatório, bem como suas origens na Europa colonizadora do século XV (dialogando com a modernidade proposta por Enrique Dussel) aos Estados Unidos como referência do capitalismo no século XX.



XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

futuras"³, o que representa uma tentativa ambiciosa de conciliar objetivos aparentemente contraditórios: crescimento econômico, justiça social e conservação ambiental. Na prática, esta abordagem se materializa em intervenções espaciais específicas que merecem ser examinadas criticamente.

A contradição inerente ao conceito de desenvolvimento sustentável está presente desde sua formulação original no Relatório Brundtland (1987), documento fundamental que definiu a essência do conceito como "aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades". No entanto, essa definição, aparentemente equilibrada, esconde tensões profundas, porquanto ter sido elaborado no âmbito da mesma cultura que consolidou a necessidade de um eterno crescimento econômico.

Em um primeiro momento, observa-se que, ao manter o termo "desenvolvimento" como eixo central, o relatório não questiona a lógica do crescimento econômico infinito, pressupondo que é possível expandir a produção indefinidamente dentro de um planeta com recursos finitos. Mas Krenak (2019, p.12) questiona: "Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar?" Essa visão ignora os limites ecológicos e alimenta a ilusão de um "capitalismo verde", que acaba por reproduzir os mesmos padrões de exploração sob um discurso de sustentabilidade.

Em um segundo momento, ao tratar as "necessidades" de forma genérica, o conceito mascara as desigualdades globais. Enquanto países ricos continuam a consumir recursos em níveis insustentáveis, as populações mais vulneráveis, sobretudo em países explorados, arcam com os custos ambientais, como poluição, escassez hídrica e degradação de territórios. A promessa de um equilíbrio justo entre economia e ecologia revela-se, assim, uma abstração que não se concretiza na prática (BRAND e WISSEN, 2021).

Por fim, ao propor uma conciliação harmônica entre crescimento, justiça social e preservação ambiental, o relatório subestima os conflitos inerentes ao sistema capitalista, que depende da exploração contínua de recursos naturais e trabalho humano. O resultado foi uma noção de sustentabilidade facilmente cooptada por interesses corporativos, transformando-se em uma ferramenta de marketing verde sem promover mudanças estruturais.

³ Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente>>. Acesso em 20/04/2025.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Passadas mais de três décadas, fica claro que o desenvolvimento sustentável, em sua forma hegemônica, serviu mais para legitimar o status quo do que para enfrentar as raízes da crise socioambiental. Seu legado é ambivalente: trouxe a questão ecológica para a agenda global, mas falhou em romper com a lógica que gera destruição e desigualdade.

Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU trazem justamente uma tentativa de aplicação desse entendimento de sustentável, se propondo a integrar de forma equilibrada as três importantes dimensões desse conceito: a econômica, a social e a ambiental (ONU, 2015, p.1). Mas ao analisarmos alguns desses objetivos, como os ODS 8, 9 e 12, especificamente, e, principalmente suas metas, vemos que ainda há uma preponderância da dimensão econômica sem a contemplação efetiva da subjetiva humana. Conforme a ONU (2015), são 17 ODS:

- Objetivo 1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares
- Objetivo 2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável
- Objetivo 3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades
- Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;
- Objetivo 5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas;
- Objetivo 6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos;
- Objetivo 7. Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos;
- Objetivo 8. Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos;
- Objetivo 9. Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação
- Objetivo 10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles
- Objetivo 11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis;
- Objetivo 12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis
- Objetivo 13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus Impactos;
- Objetivo 14. Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável;
- Objetivo 15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade;
- Objetivo 16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis;
- Objetivo 17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável;



XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

É justamente por este aspecto desenvolvimentista que a ideia não atinge seu objetivo. A insistência em manter o crescimento econômico e a industrialização como pilares do desenvolvimento sustentável revela uma profunda contradição: como é possível garantir a sustentabilidade em um sistema que segue dependendo da exploração da natureza e da produção de subjetividades moldadas pelo consumismo? Acrescenta-se ainda que os ODS 8, 9, 12 ainda mencionam elementos como “crescimento econômico”, “industrialização”, “produção” e “consumo”.

Em contraste radical com esta abordagem, a ecosofia de Guattari propõe não uma reforma, mas uma verdadeira revolução em nossa relação com o meio ambiente. Sua abordagem em três dimensões - integrando ambiental, social e mental - desafia as estruturas profundas do sistema capitalista contemporâneo. Esta perspectiva se materializa no espaço através de práticas que merecem nossa atenção, como, por exemplo, no Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), na cidade do Rio de Janeiro, onde há três comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares⁴: são os quilombos Dona Bilina, Camorim e o Cafundá-Astrogilda, situados em diferentes vertentes do PEPB (Figura 1).

⁴ Instituição pública federal vinculada ao Ministério da Cultura que tem como competência a emissão de certidão às comunidades quilombolas e sua inscrição em cadastro geral nacional como forma de garantir direitos das comunidades quilombolas.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:



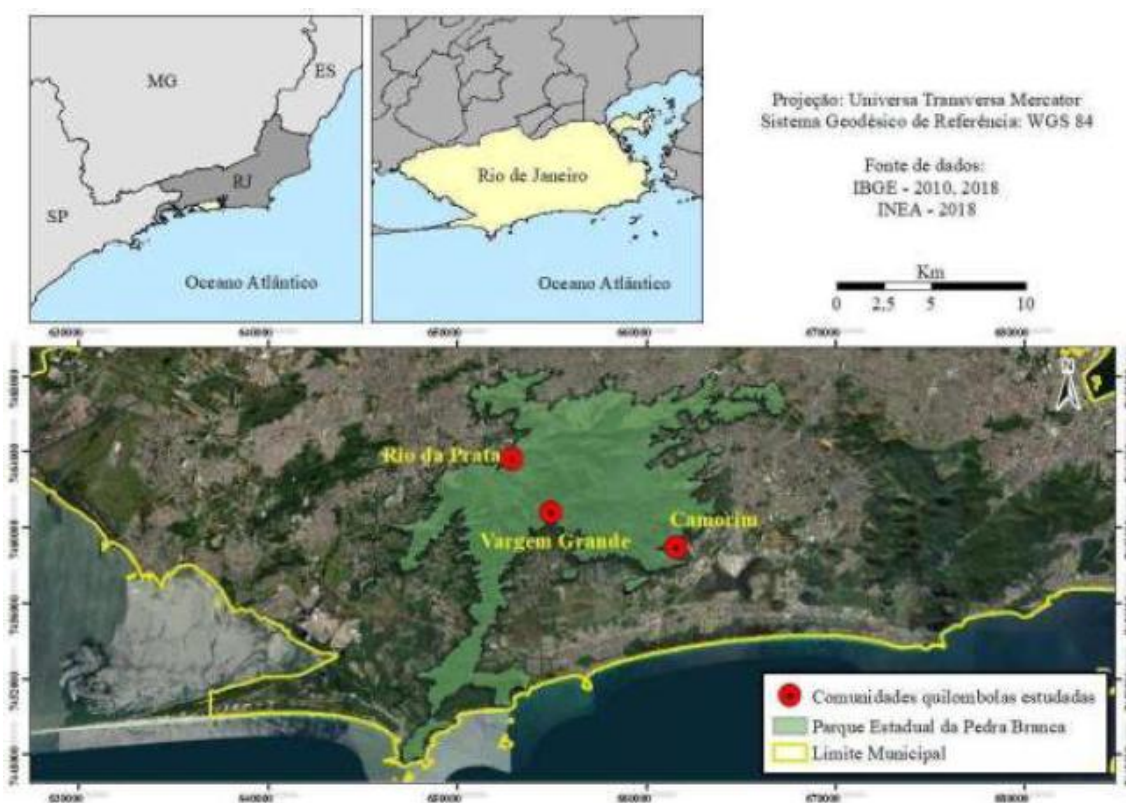


XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Figura 1: Localização geográfica do PEPB e das comunidades quilombolas



Fonte: OLIVEIRA e PENA, 2020.

Sobre as populações tradicionais, DIEGUES (2002, p.14) destaca que “essas populações desenvolveram modos de vida particulares que envolvem grande dependência dos ciclos naturais, conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais”, mostrando como saberes locais podem gerar formas sustentáveis de habitar o planeta, embasadas em cosmovisões radicalmente diferentes da modernidade ocidental. A agroecologia e a permacultura representam outra face desta transformação, criando paisagens rurais que desafiam o agronegócio hegemônico. Estes espaços não seguem a lógica da monocultura e da maximização de lucros, mas sim a da diversidade e da reciprocidade com os ecossistemas.

No caso do quilombo Cafundá Astrogilda, localizado na vertente de Vargem Grande, um estudo realizado pela EMBRAPA no âmbito do projeto Sertão Carioca, apresentou resultados que os sistemas agroflorestais (SAFs) manejados pela comunidade do quilombo, no PEPB, mantiveram solos estruturalmente preservados por séculos, com maior estoque de carbono (C) do que áreas de mata nativa. Isso indica que o manejo tradicional não só conservou

7

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

o solo, mas também potencializou seu sequestro de C. Entre as hipóteses para esse resultado estão a adubação esporádica (que favorece a matéria orgânica), a atividade microbiana diferenciada e os ciclos históricos de uso, como o corte e queima, que podem ter incorporado carbono pirogênico.

A análise geográfica desses fenômenos revela tensões conceituais sobre a noção de paisagem. De um lado, o paradigma do desenvolvimento sustentável tende a produzir paisagens ordenadas e controladas, onde os elementos naturais são compreendidos como recursos passíveis de gestão. De outro, a abordagem ecosófica gera paisagens orgânicas e potencialmente imprevisíveis. Esta oposição reflete divergências fundamentais quanto à escala (global versus local), temporalidade (planejamento de longo prazo versus ações imediatas) e, especialmente, quanto à relação com o sistema capitalista.

Nesse contexto, a concepção de Bertrand (1971, p.02) oferece uma perspectiva integradora, compreendendo a paisagem como "resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos". Essa visão complexa enfatiza a natureza dialética e em constante transformação dos sistemas paisagísticos. Quando aplicamos esse entendimento ao elemento cultural - seja tradicional ou não-tradicional - percebemos como diferentes cosmovisões materializam-se espacialmente, podendo produzir resultados distintos a partir de suas interações com os demais componentes da paisagem.

A relação entre cultura e clima transcende o plano simbólico, manifestando-se concretamente nas práticas territoriais que moldam paisagens resilientes. O caso do quilombo Cafundá Astrogilda exemplifica essa dinâmica: seus sistemas agroflorestais tradicionais, ao armazenarem mais carbono que a mata nativa, revelam como saberes culturais ancestrais produzem respostas materiais às mudanças climáticas. Essa materialidade desafia as dicotomias entre paisagens "ordenadas" e "orgânicas", pois demonstra que a interação entre cultura e natureza gera sistemas complexos, adaptativos e dialéticos.

Longe de ser mero patrimônio a ser preservado, os saberes tradicionais operam como tecnologia social natural, onde os ciclos de manejo do solo, a seleção de espécies e os ritmos agrícolas do quilombo constituem um sistema integrado de leitura do ambiente e adaptação ao mesmo. Valorizar tais práticas não se reduz a inclusão social ou conservação cultural, mas reconhece nesses modos de vida alternativas epistêmicas e materiais ao modelo hegemônico



XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

que frequentemente ignora como culturas locais já estão reconfigurando seus saberes diante da crise climática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação sistemática entre desenvolvimento sustentável e ecosofia sugere conclusões importantes que transcendem o debate teórico e alcançam a prática transformadora. Em primeiro lugar, fica evidente que o espaço geográfico contemporâneo é palco de uma disputa intensa (por vezes implícita) entre diferentes cosmovisões. Atualmente, é para esta direção que se encaminham as disputas no sistema-mundo moderno-colonial-patriarcal, onde as disputas não se restringem mais aos aspectos econômicos. De um lado, os objetivos planejados do desenvolvimento sustentável com sua linguagem técnica; de outro, insurgências criativas agem de forma orgânica refletindo um agir natural vinculado a própria história de vida.

Esta dualidade na produção do espaço desafia qualquer leitura simplista de uma paisagem onde há, simultaneamente, o elemento cultural tradicional e o não tradicional atuando de forma dialética com outros elementos da paisagem. Por outro lado, as experiências onde o bem-estar sobrepõem a busca pelo lucro, embora inspiradoras, frequentemente esbarram em limites materiais e institucionais que dificultam sua ampliação.

Neste contexto, emergem experiências interessantes que buscam sintetizar elementos de ambas as abordagens. Dessa forma, percebe-se a importância das gestões de Unidades de Conservação atuarem de forma participativa com populações tradicionais, incorporando saberes locais de forma mais genuína, criando espaços que são ao mesmo tempo planejados e orgânicos.

A questão central que permanece é: como construir pontes entre visões aparentemente antagônicas sem neutralizar um potencial transformador? A resposta, provavelmente, está na capacidade de reconhecer que a crise atual exige tanto as soluções pragmáticas do desenvolvimento sustentável quanto o horizonte utópico da ecosofia - desde que ambos estejam a serviço da justiça socioambiental e não da reprodução das desigualdades existentes.

REFERÊNCIAS

BALIEIRO, Fabiano de Carvalho; MARTINS, Alba Leonor da Silva; DONAGEMMA, Guilherme K.; SILVA, Enio Fraga da; SCHULER, Azeneth; PEDREIRA, Bernadete da



XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Conceição Carvalho Gomes; CAPECHE, Claudio Luvas; STUCHI, Julia Franco; BEKER, Anna Amandi Palma Diniz; MESQUITA JUNIOR, Adilson; MENDONCA, Márcio Mattos; PENA, Ingrid Almeida de Barros. **Comunidades Quilombolas do Maciço da Pedra Branca preservam o solo da maior floresta urbana do planeta e incrementam seus estoques de carbono do solo.** Rio de Janeiro: AS-PTA, 2023 (Comunicado Técnico).

BERTRAND, Georges. **Paisagem e geografia física global:** esboço metodológico. Caderno de Ciências da Terra, n. 13, p. 1-27, 1971.

BRAND, Ulrich; WISSEN, Markus. **Modo de vida imperial:** sobre a exploração de seres humanos e da natureza no capitalismo global. Tradução de Marcela Couto. São Paulo: Elefante, 2021.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução: Suely Rolnik. 21^a ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEFF, Enrique. **Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes:** Educação & Realidade, vol. 34, núm. 3, setembro-dezembro, 2009, pp. 17-24.

OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves de; PENA, Ingrid Almeida de Barros. **A construção do patrimônio e identidades emergentes no Maciço da Pedra Branca (RJ).** Em Questão, Porto Alegre, v. 26, p. 143-180, Edição Especial Dossiê Patrimônio e Culturas Tradicionais, 2020. <http://doi.org/10.19132/1808-5245260.143-180>



XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. Tradução: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo. 2011.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:

